



## MEU ENCONTRO COM O PADRE "MATTO"

Vezió Nardini

O Convite tinha vindo da amiga Derlei de Luca, de Crisiuma (SC), amiga de internet, sem nunca tê-la encontrado pessoalmente.

Falava de um encontro em São Paulo de ex presos políticos da ditadura militar com um padre florentino, padre que os tinha assistido e acompanhado durante a detenção.

Eu não sabia nada sobre ele, na verdade nadinha sobre eles todos, mas não podia resistir ao convite de encontrar um florentino, um padre florentino, que de alguma forma tinha vivenciado nossa ditadura.

Repassei o convite pela internet, ninguém se pronunciou, porém o Comites me forneceu alguns minipanettones (Bauducco, claro) e alguns refrigerantes, sobras da festa da Befana, para serem servidos durante o encontro.

Dia 8 de fevereiro, cheguei uma meia hora depois do horário estipulado para o início. É a casa de um dos ex-presos, algumas pessoas já tinham chegado e conversavam animadamente.

Me apresentei, digo que fui convidado pela Derlei, que ainda não conhecia o Padre Rossi. O chamaram, ele se separou do grupo e sorridente veio conversar comigo, com um acentuado e delicioso sotaque florentino. Se apresentou como "il prete matto delle prigioni" e esclareceu que aqueles outros "sono stati tutti prigionieri".

Tentei arrancar-lhe alguma declaração, algum resumo da sua história, mas ele é bastante modesto e não me contou muito. Fiquei um pouco constrangido, eu o único estranho no meio de tantos "presos", não queria estragar o seu momento de reencontro com eles. ▶

## UN ANGELO TESTARDO

### Un prete fiorentino nelle carceri del Brasile

Nel 1970 Mondadori pubblicò un libro intitolato "Dai sotterranei della storia", che conteneva le lettere scritte dal carcere da un frate domenicano, Carlos Alberto Libanio Christo, soprannominato "Frei Betto". Leggendolo, la mia impressione fu che ci fosse in Brasile una Chiesa di poveri che riviveva il periodo delle persecuzioni della Chiesa primitiva. Per la difesa dei diritti umani, per la passione evangelica della causa dei più poveri, non solo laici ma anche sacerdoti finivano in prigioni spaventose, in cui le camere di tortura funzionavano giorno e notte. Più tardi seppi che in quella regione atroce e luminosa si muoveva, con coraggio evangelico un prete fiorentino, don Renzo Rossi. Con astuzia, candore, buonsenso, spirito d'avventura e una buona dose di santa incoscienza, don Renzo era riuscito a diventare, di fatto, senza nomine né decreti, il cappellano dei prigionieri politici brasiliani, straziati dalla ferocia della dittatura militare. Sono trascorsi trent'anni: don Renzo ha ottant'anni, è tornato a Firenze, il Brasile è finalmente una democrazia e Frei Betto, oggi il principale collaboratore di Lula, firma la presentazione di un libro pubblicato dalla San Paolo: "Don Renzo Rossi. Un prete fiorentino nelle carceri del Brasile". Il libro, scritto da un ex "preso", Emiliano José, è, per così dire, il concentrato di un libro ben più ampio: "As asas invisíveis do padre Renzo" (Le ali invisibili di padre Renzo) pubblicato in Brasile. È il racconto di 15 anni di terrore e di gloria, di ferocia e di donazione di sé. Emiliano narra questa storia, don Renzo la contrappunta con la sua incessante meditazione su monsignor Romero, modello di tutti gli evangelizzatori latino-americani. Un libro da non mancare.

Un caro saluto da  
ettore masina



O encontro em S. Paulo do Padre Renzo Rossi com os "seus presos".



Raphael Martinelli, à esq., Min. Paulo de Tarso Vanucci, Padre Renzo Rossi e a anfitriã Amelinha.

Padre Renzo Rossi em Salvador.



Frei Betto

## Padre Renzo Rossi por Frei Betto

O que há de interessante na vida do meu querido amigo padre Renzo Rossi? Sacerdotes têm, quase sempre, uma trajetória de vida que não coincide com a do comum dos mortais. São aventureiros de Deus, sempre se movendo de um lugar para o outro, vivendo situações inusitadas, enfrentando riscos. Sobretudo aqueles que, como Renzo, decidem trabalhar em áreas de fronteira: o mundo operário, os cárceres de uma ditadura, os pobres da periferia.

Padre Renzo não foi o único sacerdote a se dispor à difícil e arriscada missão de visitar presos políticos e consolar suas famílias. Conheci um outro, italiano como ele, o servita Heitor Turrini, que saía do Acre para, em São Paulo, levar seu apoio amigo e pastoral a nós que estávamos trancafiados o Presídio Tiradentes. E é possível que, no futuro, os pesquisadores descubram outros homens e mulheres de "asas invisíveis", que amenizavam o sofrimento das vítimas da ditadura.

Recordo-me do padre Luís Marques, capelão da Polícia Militar de São Paulo que, contra nossos conselhos, levava para dentro do Presídio Tiradentes refrigerantes e cervejas para comemorar o aniversário de um dos frades presos. E, como não era revistado, aceitavam sair com as nossas denúncias de tortura escondidas no pequeno cálice em que nos trazia as hóstias consagradas.

Foi no Tiradentes que conheci padre Renzo, em 1970, quando visitou meu companheiro de prisão e de vida dominicana, frei Giorgio Callegari. Depois, foram muitos encontros, no Brasil e na Itália. O que me chamou a atenção no Renzo foi esta aparente contradição: embora visitasse aqueles que, frente à opinião pública, eram considerados "terroristas", sem distinguir cristãos e ateus, Renzo nada tinha de "homem de esquerda"; ao contrário, em matéria de Igreja suas opiniões pouco diferiam dos bispos mais ortodoxos. Nunca o vi afirmar que também desejava uma sociedade socialista. Sua motivação não era ideológica, era teológica; ou melhor, teologal, de quem vive em profunda intimidade com Deus e reconhece-o na face do próximo, em especial dos que sofrem na prisão.

Com seu jeito espalhafatoso, suas risadas estridentes, sua mania de tocar o interlocutor, apalmando-lhe o rosto, Renzo lograva quebrar as resistências do comunista mais anticlerical. Sobretudo, percorria os labirintos da ditadura arriscando a própria pele, a ponto de ser acusado de "pombo-correio" entre as prisões, sem jamais buscar nenhum benefício pessoal. Creio que Renzo Rossi é um desses raros protótipos do homem e da mulher novos, tão sonhados - e pouco realizados - por cristãos, socialistas e comunistas.

Mas ele foi logo entretido por novas pessoas que chegaram, que se apresentaram, fazia anos que não se viam, alguns desde a época do cárcere.

No começo fiquei confuso. "Fulano, de Tiradentes", assim eu entendi que ele se apresentou ao padre. E imaginei que ele tenha vindo de Tiradentes, Minas Gerais, só para o encontro. "Beltrano, do Barro Branco". Ah, agora tinha entendido, eles se apresentavam dando o nome da prisão onde estiveram, onde conheceram o Padre Rossi, onde ele os assistiu...

Tiradentes, Barro Branco, DOPS, ... a referência, a identificação era o nome da prisão, só assim eles se reconheciam.

A todos ele recebia com um sorriso, com tapinhas ou beliscões nas bochechas, gestos que depois descobri ser a sua característica, o seu modo de abraçar, de mostrar afeto.

Alguns começaram a lembrar de como o conheceram, como vieram a saber da sua existência, o que imaginavam que ele fosse antes de conhecê-lo pessoalmente, quando a sua fama se espalhava pelas prisões.

Eu me entretive folheando o livro que José Emiliano, também um ex preso político e ex deputado baiano, escreveu sobre a sua vida, "As asas invisíveis do Padre Renzo", da Casa Amarela editora, lançado em 2002, com prefácio do Frei Betto. É um relato bem detalhado de sua vida movimentadíssima, que começou junto aos grevistas de uma fábrica em Firenze, depois no Brasil na assistência a famílias carentes em Salvador, até que o destino o envolvesse no redemoinho das prisões políticas brasileiras.

Fotografei todo o capítulo "Um dia no cárcere", pretendia reproduzi-lo aqui, onde narra a sua reveladora experiência do seu primeiro dia no cárcere da ditadura.

De passagem, ele me viu lendo o livro

e acrescenta: "Foi editado também na Itália..." e, de fato, mais tarde pela internet descobri que uma condensação do livro de José Emiliano foi lançada pela San Paolo Edizioni com o título de "Don Renzo Rossi. Un prete fiorentino nelle carceri del Brasile".

O principal "preso" da noite chegou. É Paulo de Tarso Vanucci, ministro do governo Lula, muito aplaudido.

Foi lida a carta que Frei Betto, não podendo comparecer, encaminhou para o encontro (carta que reproduzo ao lado).

Raphael Martinelli, sindicalista, decano de todos os prisioneiros, falou em nome de todos.

Padre Renzo Rossi falou também, sobre aqueles tempos, realçando os momentos na época dramáticos, mas que hoje já se tornaram hilariantes, de como enganava os guardas, os coronéis, até mesmo a

hierarquia católica que não queria se envolver.

Ele lembrou que não era sacerdote, ele não era confessor, ele apenas estava ali como um irmão, como alguém da família, pois afinal "quase todos ali eram ateus" e não queriam saber de sacramentos, de confissões ou comunhões. O cálice com as hóstias servia apenas para contrabandear bilhetinhos entre prisioneiros e familiares, ou sincronizar greves de fome.

"Eu sabia que eram todos uns comunistas, uns ateus, que não acreditavam em Deus" - disse ele. "Mas vamos imaginar, só por hipótese, que apenas um fosse católico. Apenas um em mil. Vamos imaginar que eu esteja certo, que Deus realmente exista, o que vai acontecer quando os outros 999 forem parar na porta de São Pedro?"

"Vamos dizer que somos amigos do Padre Renzo!", vários responderam, rin-

do, ao mesmo tempo, como se já esperassem a pergunta e tivessem combinado a resposta.

"Ah, sim - respondeu rindo o Padre Renzo - e São Pedro vai lhes responder que, se já aguentaram o Padre Renzo, merecem entrar no Paraíso..."

Grande gargalhada geral, que encerrou a reunião.

PS - Pensei em indicar o Padre Renzo Rossi para o Gonfalone d'Argento que a região Toscana concede a seus emigrados eméritos. Pesquisando sobre ele descobri que já o recebeu. Descobri também a existência de um DVD de Benedetto Ferrara, patrocinado pela Unicoop Firenze, "Un angelo testardo. Diario di Don Renzo Rossi" e de seu trabalho no Progetto Agata Smeralda, para a adoção de crianças a distância. Realmente uma pessoa excepcional.